

humanitas



Vol. LXII
2010

Oliveira delinea a matriz ideológica da corrente messiânico-nacionalista do sebastianismo e configura-se como a precursora da filosofia sebastianista”.

A presente colectânea de ensaios é precedida de uma apresentação liminar da autoria do seu coordenador Prof. Doutor Carlos Morais, que explica as razões desta iniciativa e resume, numa excelente síntese global, o conteúdo de cada um; bem como de uma relação dos currículos científicos de cada um dos co-autores deste grosso volume, que é, ainda, enriquecido com uma seleccionada relação bibliográfica final de cerca de 550 títulos em que se apoiaram todos os trabalhos que a integram.

Estão de parabéns o Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e o Doutor Carlos Morais pela edição deste livro, que ficará como a obra mais completa e actualizada e de referência incontornável para os estudiosos da vida e obra do polígrafo aveirense Fernão de Oliveira.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO

Obras de Damião de Góis, Vol. I (1532-1538). Trabalhos de tradução e comentário. Fac-símile de cada edição *princeps* deste período. Leitura diplomática e versão portuguesa por Miguel Pinto de Meneses. Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) VIII, 2002, vol.1, 504 pp. ISBN 972-9366-21-7.

Com o número VIII da colecção Fontes Históricas da Cultura Tipográfica Portuguesa, o Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) inicia uma sequência editorial que se prevê, de início, venha a ter três volumes dedicados, como o título indica, a *Obras de Damião de Góis*.

O volume I reúne alguns dos principais opúsculos latinos do período de produção mais vincadamente europeia. Trata-se das primeiras obras produzidas por Damião de Góis e editadas em livro, entre 1532 e 1538, as quais consistem em trabalhos de tradução e comentário da sua responsabilidade. Os originais latinos contam com o labor de tradução de Miguel Pinto de Meneses (†2004), um dos mais fecundos latinistas, conhecedor da cultura do Renascimento, que ao longo do século XX foi erguendo um enorme tributo à cultura portuguesa, traduzindo autores como Álvaro Pais, Álvaro Gomes, André de Resende, Manuel Telles da Silva.

A preceder as obras do humanista e a abrir o volume (pp. 4-15), encontra-se ainda um texto que, não sendo da autoria de Damião de Góis, tem em vista oferecer ao leitor um enquadramento geral da sua obra: *Damiani a Goes Equitis Lusitani, e scriptis eius potissimum collecta*, com tradução de Miguel Pinto de Meneses.

São três, as obras de Damião de Góis apresentadas cronologicamente, segundo as respectivas edições *princeps* (é, na verdade, esse o critério anunciado na p. xiv), às quais se seguem algumas versões em língua portuguesa, bem como outros documentos com elas relacionados, entre os quais diversas imagens e curiosas gravuras alusivas.

A primeira obra publicada (pp. 19-122) é a *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis* ([Antuérpia], 1532), um conjunto de documentos que se reportam à embaixada de Mateus (1514), o legado etíope enviado pela rainha Helena ao monarca português D. Manuel I e ao Papa, em busca de aliança contra a ameaça turca. Com esta obra de particular interesse histórico (ainda que o autor venha de algum modo a corrigi-la, em Lovaina, em 1540, com o apoio do etíope Zaga Zabo, ao publicar *Fides Religio Moresque Aethiopum*, que entretanto o volume II desta colecção já fez editar) Damião de Góis, que então se encontrava na Flandres ao serviço da Coroa Portuguesa, manifestava à Europa a ascensão de Portugal como potência internacional e a sua grandeza como potência, na Europa do seu tempo.

Pena é que o produto deste trabalho de edição não tenha procurado os actuais avanços tecnológicos para dispensar o leitor do uso da lupa, já que a pequena mancha de texto latino do fac-simile preenche menos de ¼ da totalidade da página em branco, o que vem, em vão, encarecer a obra.

O leitor não pode, no entanto, deixar de estranhar que se apresente a edição aparentemente integral do fac-simile (incluindo numerosas composições poéticas de Cornélio Grapheus em louvor de Damião de Góis, por exemplo), mas que as traduções que a acompanham se refiram apenas a dois documentos que com ela se relacionam. Um (pp. 101-107) é a versão latina da carta da Rainha Helena da Etiópia a D. Manuel (1509), cujo texto e versão para português é da responsabilidade de Miguel Pinto de Meneses. A outra (pp.91-99) é a carta de Damião de Góis ao bispo de Upsala (1531): *Damianus de Gooes Lusitanus amplissimo patri D. Ioanni Magno Gotho, Archiepiscopo Wpsalensi in regno Sueciae*, na edição e versão portuguesa de Amadeu Torres. Nessa carta, o autor retribuía ao Arcebispo de Upsala,

seu amigo, no exílio, o pedido de informações acerca da fé e dos costumes do Preste João.

A segunda obra de Damião de Góis é a versão para português do *Livro de Marco Tullio Ciceram chamado Catam maior, ou da velhice, dedicado a Tito Pomponio Attico* (Veneza, 1538). Ao fac-simile (pp. 125-206), segue-se a fixação do texto latino por Miguel Pinto de Meneses e a fixação do texto goesiano por Manuel Cadafaz de Matos (pp. 214-299) bem como um capítulo com as anotações do próprio Damião de Góis (pp. 303-313) e outro com mais amplas notas à edição veneziana, da autoria de Manuel Cadafaz de Matos (pp. 315-331).

O *Liber Ecclesiastes* ocupa o terceiro lugar (pp. 333-504) e foi o que mereceu, da parte do actual editor, tratamento mais desenvolvido. Além do fac-simile da tradução e comentário de Damião de Góis (a partir, no essencial, da edição de 2002 de T. Earle, *O livro de Ecclesiastes*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, como o próprio Cadafaz de Matos indica, na p. 333) e da fixação do texto latino sempre por Miguel Pinto de Meneses, o leitor encontra ainda, em fac-simile, um curioso documento: o texto do *Liber Ecclesiastes* na edição da *Bíblia Poliglota* de Alcalá (1517), Tomo III, na qualidade de “Antecedente histórico-editorial” da versão de Damião de Góis, um complemento que, pela sua raridade e importância científica na história da transmissão dos textos, muito vem valorizar o volume.

Manuel Cadafaz de Matos é o responsável pelas amplas notas de fim de capítulo, que proporcionam, com vasta erudição, o enquadramento histórico-cultural das obras apresentadas.

Uma Corrigenda final não foi infelizmente suficiente para corrigir algumas imprecisões gráficas, compreensíveis numa obra de mais de 500 pp.

Não se trata, de modo algum, de uma obra de divulgação. Trata-se, pelo contrário, de uma obra altamente especializada, para público ligado à investigação científica, seja no domínio da filologia pura ou da crítica textual, seja no domínio da história da língua, da historiografia, da literatura ou da exegese bíblica. Mesmo assim, o livro não deixa de suscitar algumas estranhezas metodológicas, próprias talvez da diversidade de proveniência dos documentos que publica. Causa alguma estranheza, por exemplo (pois as razões não são óbvias para o leitor), editar na íntegra o texto da *Legatio*, mas traduzir apenas dois documentos; ou anunciar (quer no próprio título, quer na p. xiv) que este volume facultará “aos leitores de Damião de Góis (...) cada edição *princeps* das suas obras”, e deixar para nota de rodapé (p. 332), despercebida aos leitores mais incautos, a informação de que “quase

todos os textos latinos (...) foram [afinal] vertidos para a língua portuguesa (...) a partir da edição *Damiani a Goes Equitis Lusitani Opuscvla quae in Hispania Illustrata continentur*. Conimbricae. Ex typographia academico-regia, MDCCLXXXI; ou ainda anunciar, no título, “Leitura *diplomática* e versão portuguesa” e apresentar, ao longo da obra, ora a “fixação do texto” de Miguel Pinto de Meneses, ora a “edição crítica” de Amadeu Torres, (os dois exímios latinistas chamados à colaboração com este projecto). O que se entende pois por leitura *diplomática*? Quais os critérios editoriais para esta “fixação do texto”? Ainda que existam respostas para estas questões, elas não se afiguram óbvias ao leitor, dada a aparente contradição entre as fontes de informação principais, como são a capa e a página do título, e os conteúdos apresentados ao longo do livro.

Da articulação interna das diversas partes do livro esperar-se-ia maior coerência, e da introdução a cada uma das obras apresentadas, maior clareza, de modo que o leitor ficasse rigorosamente informado da natureza de cada documento e respectiva proveniência. Quanto aos originais traduzidos, eles em nada desmerecem a elevada qualidade do trabalho de tradução, digno, aliás, de maior visibilidade, tendo em conta a actual escassez de leitores e tradutores de latim. Na verdade, o Dr. M. Pinto de Meneses ofereceu ao panorama editorial português a tradução do latim de diversas obras de particular interesse cultural, cuja publicação se tem devido, em parte, à generosa actividade impulsionadora de Manuel Cadafaz de Matos e do CEHLE.

MARGARIDA MIRANDA

Obras de Damião de Góis, Vol. II (1539-1540). O fascínio do Oriente e a aproximação à Europa do Norte. Fac-símile de cada edição deste período. Leitura diplomática e versão portuguesa por Miguel Pinto de Meneses. Edição, introdução e notas de Manuel Cadafaz de Matos. Apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (CEHLE) IX, 2006, vol.2, 566 pp. ISBN 972-9366-27-6.

Quatro anos depois do vol.1, saiu dos prelos o vol. 2 das *Obras de Damião de Góis* (1539-1540), com a chancela do Centro de Estudos de História do Livro e da Edição.